

TRABALHO

Economia ainda enfraquecida provoca alta de empregos informais. Segundo especialista, o cenário é reflexo da precarização das atividades laborais e da legislação que cortou benefícios

A luta de quem precisa fechar as contas

» ARTHUR DE SOUZA

“Tenho um filho de 14 anos que tem o sonho de ser veterinário. Trabalho todos os dias pensando em vê-lo com o diploma”, desabafa Ademir Rosa Ferreira, 43, que recorre ao mercado informal e hoje vende doces na Rodoviária do Plano Piloto. Ele é mais um exemplo do avanço da informalidade no DF: de acordo com a última Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), divulgada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o número de empregados sem carteira assinada — categoria de trabalhador informal — teve aumento de 1,42% entre julho e agosto deste ano.

Natural da Bahia, Ademir mora no Entorno do Distrito Federal há 12 anos. Depois de ser demitido de um emprego no aeroporto da capital do país — em que tinha a carteira assinada —, ficou cerca de três anos desempregado. Foi quando decidiu vender os doces na rodoviária. “Essa foi a única forma que encontrei de sustentar minha família”, conta. Morando com a esposa e os cinco filhos, Ademir destaca que o comércio de doces é o único sustento da família atualmente. “Tá dando para comer e pagar o aluguel, nada mais além disso. (A conta de) água e luz atrasam sempre, mas comida não tem como deixar faltar”, frisa. “Já passei por alguns apertos para ter o que comer. Recebo doações de uma igreja, que nos ajuda com cestas básicas. Se não fosse isso, acho que veria minha família passando fome e, talvez, morando na rua”, atesta.

O vendedor de doces afirma que sente falta do emprego formal. “Até porque a carteira assinada é uma garantia de que a pessoa vai receber os seus direitos em dia e, mais na frente, fica mais fácil se aposentar. Estou com 43 anos, então, já me preocupo com essa questão”, comenta. “Além disso, o salário fixo também faz falta. Aqui, ganho se vender bem, caso contrário, com a crise atual, fica mais difícil comprar qualquer coisa.”

Para Juliana Nóbrega, consultora de carreiras e empreendedorismo e professora do Ceub, a alta na informalidade do DF está ligada à falta de uma política econômica que preveja o crescimento dos serviços e da indústria, setores que, segundo a especialista, são diretamente responsáveis pela geração de empregos (confira **Três perguntas para...**).

Precarização

Lúcia Garcia, coordenadora da PED do Dieese, destaca que o aumento no número de trabalhadores informais no DF está ligado também à precarização das vagas de emprego existentes. “A iniciativa privada é composta, em sua maioria, por patrões que não têm condições financeiras de garantir todos os direitos trabalhistas dos empregados”, aponta. “Existem cargos que o desconto do INSS e outros impostos — além do baixo salário — acabam pesando muito no bolso. Se o país estivesse em crescimento econômico, o trabalhador não se sujeitaria à informalidade”, frisa.

A coordenadora da PED faz uma análise da quantidade de trabalhadores informais (veja o **infográfico**) para ilustrar sua fala.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Iratânia vende sandálias e sonha com retorno à cidade natal, no Pará

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ademir Rosa trabalha para ver um de seus cinco filhos com diploma

Conceito de informalidade

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera informais os empregados no setor privado sem carteira de trabalho assinada, os trabalhadores domésticos sem carteira de trabalho assinada, os empregadores sem registro no CNPJ, os trabalhadores por conta própria sem registro no CNPJ e os trabalhadores familiares auxiliares.

Fonte: IBGE

Dados anuais

Agosto de 2020 — 290.000
Agosto de 2021 — 346.000
Agosto de 2022 — 357.000

Comparação julho e agosto

Julho de 2022 — 352.000
Agosto de 2022 — 357.000
(+1,42%)

Fonte: PED-DF/Codeplan e Dieese

“Entre 2015 — início de uma crise econômica — e 2022, este número cresceu 46,6%”, enumera. “Fazendo o recorte apenas do período da pandemia, que também causou impactos na economia, percebe-se aumento: de 2020 a 2022, a elevação no mercado informal foi de 24,3%”, enumera Garcia. A especialista do Dieese afirma que, para o trabalhador do DF, está sendo um luxo pensar no amanhã. “A visão é para o hoje. Todos estão em busca de sobrevivência”, destaca.

Vendendo chinelos na Rodoviária do Plano Piloto há 10 anos, Iratânia Costa Silva, 47, reclama que acabou recorrendo ao trabalho informal por falta de oportunidade. “Quando vou para o mercado de trabalho, dizem que estou velha, mas, quando tento me aposentar, ainda não tenho idade”, comenta a moradora de São Sebastião. Ela conta que a frustração com as portas fechadas fez com que ela desistisse de tentar um emprego formal há cerca de cinco anos. “Hoje em dia, não procuro mais. O que me sobrou foi o comércio informal”, aponta.

Mesmo desistindo, Iratânia não esconde que se incomoda com o fato de estar sem a segurança da carteira assinada. “É uma aventura. Venho todos os dias para cá sem saber se vou vender bem, se

vou conseguir tirar o sustento do meu dia ou do mês. Conto com a sorte”, comenta. “Atualmente, minha internet está cortada, estou na mão de agiota. Está sendo uma crise muito difícil, tudo atrasado”, lamenta. Emocionada, ela conta que, mesmo em tempos difíceis, tem planos. “Quero me levantar para ir embora daqui. Sou natural do Pará, e pretendo arrumar minha vida para conseguir voltar para lá”, sonha.

Dura realidade

Claudiane de Nazaré Silva, 41, também desistiu de procurar emprego com carteira assinada, assim como Iratânia. A moradora da Colônia Agrícola 26 de Setembro conta que passou para o trabalho informal após ficar mais de um ano procurando vagas. Foi quando decidiu seguir o conselho de uma amiga, que também estava na informalidade. “Ela me disse que era melhor do que ficar em casa sem fazer nada e estou aqui até hoje.”

Apesar de dizer que está “acostumada” com a situação atual, a vendedora de roupas admite que sente falta da segurança que o trabalho com carteira assinada oferece. “Caso eu adoecia, não tenho plano de saúde para procurar um hospital. Além disso, se eu parar de trabalhar hoje, amanhã

não vou ter nada. Então, sou eu por mim mesma e meus filhos”, lamenta. “A gente sobrevive só do meu trabalho e, ultimamente, tem sido bem apertado. Mal dá para pagar as contas”, reclama Claudiane.

Peruana e morando em Brasília há 24 anos, Ermelinda Rayme, 45, também sofre com a insegurança da informalidade. Mesmo sendo experiente na função de cozinheira — tendo trabalhado até para diplomatas —, ela afirma que não tem sido fácil encontrar algo que valha a pena. “Se eu achar um emprego bom, que me ajude a manter a casa, com certeza volto para a formalidade. Mas, atualmente, apesar de ter vagas, elas estão pagando muito pouco, não compensa.”

Mesmo assim, a moradora do Paranoá resalta que sente na pele a precariedade que o trabalho informal oferece. “Apesar de poder fazer meu próprio horário (na Rodoviária), sinto muita falta de um emprego com carteira assinada. Aqui, não tenho 13º salário, férias e outros benefícios que a carteira assinada proporciona”, comenta. “Tenho que sair de casa todos os dias ainda na madrugada, para tentar tirar dinheiro e pagar minhas contas. Mês passado, por exemplo, atrasei a conta de luz.”

Trabalhadores no mercado informal buscam a sobrevivência na Rodoviária do Plano Piloto

Três perguntas para

Juliana Nóbrega, professora do Ceub, mestre em engenharia de produção e consultora de carreiras e empreendedorismo

Por que o número de informais continua tão alto no DF?

As taxas de desemprego estão diretamente atreladas ao cenário econômico. A política de paridade dos combustíveis impactou diretamente nos custos logísticos, num país que depende massivamente do transporte rodoviário. Em razão disso, a inflação impede a retomada dos investimentos por parte das empresas, o que, por sua vez, incide na oferta de emprego, ou melhor, na escassez de oferta. Essa sequência de fatores pavimentam as condições para o cenário de informalidade e precarização do trabalho, já que as pessoas precisam de alguma renda para sobreviver e ficam vulneráveis às imposições do mercado. Associado a isso, também vimos, desde 2016, uma sucessão de flexibilizações na legislação trabalhista, o que, na prática, já trazia perdas de direito para o trabalhador.

Como a informalidade afeta a qualidade de vida da população do DF?

A informalidade é um calo, um calo enorme, que cria um ciclo vicioso muito difícil para o trabalhador. O cenário de retração da oferta de emprego reduz o poder de negociação do trabalhador, que acaba sendo obrigado a se sujeitar à baixa remuneração e a condições precárias de trabalho. São mais horas trabalhadas e cada vez menos remuneração. Então, fica muito difícil pensar numa vida além do trabalho precário, que, por si só, já é alienante. Não sobra tempo, muito menos dinheiro para investir em saúde, educação e lazer. E quanto menos investe no seu desenvolvimento e bem-estar, mais perde competitividade no mercado de trabalho, e assim a espiral negativa vai se agravando.

Quais são os riscos de se manter no trabalho informal?

Ao abrir mão do vínculo formal de trabalho, de forma voluntária ou involuntária, o trabalhador perde uma série de benefícios e direitos fundamentais, como férias remuneradas, horas extras, plano de saúde, FGTS, seguro desemprego e aposentadoria. Essa situação só valerá a pena, como disse, para grupos de trabalhadores muito específicos. Para a grande maioria, é um retrocesso sobre direitos adquiridos por meio de muitas lutas.